

# O PROCESSO MULTICULTURAL NA OBRA DE RICARDO GUILHERME DICKE

Adriana Lins Precioso<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente trabalho busca evidenciar o processo multicultural na obra de Ricardo Guilherme Dicke, escritor mato-grossense contemporâneo, por meio da discussão dos termos cultura, culturas plurais, multiculturalismo, identidade e sujeito transculturador.

**Palavras-chave:** processo multicultural, sujeito transculturador, ricardo guilherme dicke, contos.

Alfredo Bosi, em sua obra *Dialética da Colonização* (1992), chama a atenção para o termo cultura brasileira no singular, revelando a ineficácia do mesmo quando se evidencia uma sociedade de classes, como no Brasil. Bosi salienta que o seu uso no plural “culturas brasileiras”, seria mais eficiente, uma vez que, apenas no plural, é possível aglutinar “todas as manifestações materiais e espirituais do povo brasileiro” (1992, p. 308). Leonardo Boff compartilha da mesma concepção para o termo:

Não existe cultura no singular; existem concretamente culturas no plural. Cultura no singular é um conceito que tem um caráter estritamente teórico, com a função de nos fazer entender um fenômeno em distinção do outro, como, por exemplo, natureza x cultura (1990, p. 20).

O conceito de cultura, segundo Bosi, é “uma herança de valores e objetos compartilhada por um grupo humano relativamente coeso” (1992, p. 309). Não é diferente a ideia antropológica de cultura apresentado por Laraia: “O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo

---

<sup>1</sup> Professora Doutora do Curso de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT – Campus de Sinop. E-mail: adrianaprecioso@uol.com.br

processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridos pelas numerosas gerações que o antecederam.” (2009, p. 45). Boff apresenta um conceito mais globalizante do termo cultura, uma vez que, para ele:

Tudo que é humano é cultural, em qualquer nível que tomamos o fenômeno humano. O ser humano vive na cultura como em sua casa. Na cultura se elaboram as reações humanas sociais e pessoais face aos nós existenciais que estruturam a vida humana: a relação para com os bens de subsistência, para consigo mesmo, para com os outros, para com a natureza, para com as tradições, para com o além-vida, para com Deus (...) (1990, p. 36).

A ampliação do termo e a sua pluralidade referente à vida material e simbólica de uma sociedade dividida em classes de faixas extremas bem marcadas deram critérios e suporte para delimitação do reconhecimento de, pelo menos, três diferentes tipos de cultura brasileira: a cultura erudita, a cultura de massa, a cultura popular (BOSI, 1992). Lembrando que, o caráter dessas culturas é estar em constante mudança e transformação, elas não são estanques, operam em conjunto mantendo relações entre si. Dessas relações, surge uma quarta faixa, que é a *cultura criadora individualizada*. (BOSI, 1992, p. 337). Para justificar a importância dessa faixa, Bosi salienta:

A criação de um poema, de um romance, de um quadro, de um drama é, frequentemente, resultado de tensões muito fortes do interior do indivíduo criador, tensões dentre as quais é modelo exemplar o compromisso (bem ou mal resolvido) entre as forças anímicas ansiosas por exprimirem-se e a tradição formal já historicizada que condiciona os modos de comunicação. A *expressão pessoal* e a *comunicação pública* são duas necessidades que acabam regulando a linguagem do criador e situando o seu trabalho na intersecção do corpo e da convenção social (1990, p. 343).

Dessas duas necessidades citadas e das tensões vivenciadas pelo sujeito criador, há o resultado profícuo e inovador:

Nessa luta, a obra é tanto mais rica e densa e duradoura quanto mais intensamente o criador participar da dialética que está vivendo a sua própria cultura, também ela dilacerada entre instâncias *altas*, internacionalizantes e instâncias populares. Obras-primas como *Macunaíma* de Mário de Andrade, *Vidas secas* de Graciliano Ramos, *Grande sertão: veredas* de Guimarães Rosa e *Morte e vida severina*

de João Cabral de Melo Neto nunca poderiam ter-se produzido sem que seus autores tivessem atravessado longa e penosamente as barreiras ideológicas e psicológicas que os separavam do cotidiano ou do imaginário popular (BOSI, 1992, p. 343).

Sendo assim, em diálogo constante com as instâncias e urgências do tempo vivido, o autor criador mergulha nas águas das diversas culturas que povoam seu espaço de vivência. Os estudos literários da contemporaneidade revelam que as mudanças ocorridas nas sociedades modernas afetam o sujeito consigo mesmo e sua relação com o mundo:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito (...) (HALL, 2006, p. 9).

Os grandes avanços na teoria social e nas ciências humanas ocorridos na segunda metade do século XX geraram o principal impacto que promoveu o descentramento do sujeito cartesiano e consolidou as tendências denominadas ora de pós-modernas ora de modernidade tardia (HALL, 2006). Stuart Hall apresenta em sua obra *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006), um esboço com cinco desses avanços e que podem ser resumidos grosseiramente em: 1) O pensamento marxista; 2) a descoberta do inconsciente por Freud; 3) o trabalho estrutural do linguista Saussure; 4) os estudos de Michel Foucault e 5) o impacto do movimento feminista. Desse modo, o sujeito criador contemporâneo sofre a influência desses avanços e transita não apenas por meio dos seus reflexos, como também, na maneira em que o cotidiano da sua vivência os representa, nega ou valoriza. Para esse sujeito que percorre o seu espaço local e o universal, surge o termo transculturador, ou seja, “O transculturador é aquele que, segundo Rama, desafia a cultura estática (e estática porque presa à tradição local) a desenvolver potencialidades e produzir novos significados sem, contudo, perder sua textura íntima.” (SCARPELLI, 2003, p. 52). O processo transitivo de uma cultura para outra pode ser melhor entendido pelo termo transculturação, daí o sujeito

transculturador, lembrando que essa relação deve desierarquizar as trocas e a interatividade entre as culturas em confronto (SCARPELLI, 2003, p. 51).

Ligado às mesmas raízes históricas e culturais desponta o termo *multiculturalismo* ou *processo multicultural*, o qual “levanta problemáticas teóricas complexas e contraditórias, relativas ao papel da linguagem, à construção do sujeito, à teoria da identidade, à concepção de realidade e do conhecimento.” (SEMPRINI, 1999, p. 8). Reforçando o teor da crise da modernidade e legitimando os procedimentos da pós-modernidade:

O multiculturalismo surge dessa maneira como um importante indicador da crise do projeto da modernidade. Com efeito, são as principais categorias – filosóficas, políticas, sociais – desse projeto que estão sofrendo um processo de questionamento, por vezes radical, pelas reivindicações multiculturais e principalmente pela exigência de integrar no seio mesmo desse projeto o conceito de diferença. Ao colocar à modernidade a questão da diferença, o multiculturalismo ultrapassa a especificidade de qualquer contexto nacional e propõe um sério desafio de civilização às sociedades contemporâneas (SEMPRINI, 1999, p. 8-9).

O conceito de diferença é muito caro à perspectiva dos estudos culturais voltados para a questão da identidade cultural. A identificação nasce do conceito de diferença:

A identificação é, pois, um processo de articulação, uma suturação, uma sobre determinação, e não um subsunção. Há sempre “demasiado” ou “muito pouco” – uma sobre determinação ou uma falta, mas nunca um ajuste completo, uma totalidade, como todas as práticas de significação, ela está sujeita ao “jogo” da *différance*. Ela obedece à lógica do mais-que-um. E uma vez que, como num processo, a identificação opera por meio da *différance*, ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de “efeitos de fronteiras”. Para consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado de fora – o exterior que a constitui (HALL, 2009, p. 106).

O envolvimento do trabalho discursivo na formação do conceito de identidade e diferença também é consolidado por Silva:

Além de serem interdependentes, identidade e diferença partilham uma importante característica: elas são o resultado de atos de criação linguística. Dizer que são o resultado de atos de *criação* significa dizer que não são “elementos” da natureza, que não são essenciais, que não são coisas que estejam simplesmente aí, à espera de serem reveladas ou descobertas, respeitadas ou toleradas. A identidade e diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que a fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais (2009, p. 76).

Desse modo, o sujeito que transita entre as diferentes culturas e produz por meio da cultura criadora individualizada, utiliza, também, o meio discursivo da linguagem para promover esse trânsito. Para este trabalho, interessa o trânsito evidenciado na linguagem literária tal como se pode ver em Ricardo Guilherme Dicke, escritor mato-grossense de expressiva produção e reconhecimento crescente no cenário literário nacional.

Ricardo Guilherme Dicke, nascido em 1936 em Chapada dos Guimarães-MT e falecido, recentemente, no ano de 2008, tem as seguintes obras publicadas: *Deus de Caim* (1968), *Caieira* (1977), *Madona dos Páramos* (1982), *O último horizonte* (1988), *A chave do abismo* (1989), *Cerimônias do esquecimento* (1995), *Conjunctio Opositorium no Grande Sertão* (1999), *Salário dos poetas* (1999), *Rio abaixo dos vaqueiros* (2000), *Toada do esquecido & sinfonia equestre* (2006), além de outros publicados postumamente, *A proximidade do mar e a ilha* (2011), *O velho moço e outros contos* (2011), *Os semelhantes* (2011). Há, ainda, uma elevada produção inédita sendo organizada e que será publicada em breve.

Destacam-se em sua poética, as observações realizadas por Hilda Gomes Dutra Magalhães, na obra *História da Literatura de Mato Grosso – século XX*:

Em consonância com as tendências do Pós-modernismo, Ricardo Guilherme Dicke trabalha conteúdos arquetípicos, resgatando toda a trajetória da humanidade e questionando a existência humana. Seus romances, embora pouco conhecidos, mesmo em Mato Grosso, são, na verdade, uma grande contribuição não apenas regional, mas também nacional.” (MAGALHÃES, 2001, p. 220).

O aspecto contemporâneo da obra de Dicke é, também, afirmado por outros críticos:

Dicke está entre os ficcionalistas contemporâneos que valorizam, recriam e adaptam as temáticas do passado longínquo, dando-lhes novas formas na literatura atual. Como autor dos tempos atuais, representa, com profunda acuidade, os mistérios e as verdades plurais e definitivas que atormentam o homem, estribando as suas narrativas nos relatos míticos, fazendo-as erigir-se sobre elementos estruturais cristalizados na história cultural (MIGUEL, 2009, p. 129).

Firmado no chão de sua história, Dicke revela em sua escritura olhos atemporais, o elemento mítico e universal é renovado tanto no chão de poeira vermelha de Mato Grosso, quanto no cimento da capital Cuiabá. Lorenzo Falcão, jornalista e escritor mato-grossense que teve uma rara convivência com Dicke, declara em uma conversa informal registrada na obra *Dos labirintos e das águas: entre Barros e Dickes*:

Uma ficção que nada deixa passar. Torrencial. Imagética e filosófica, do tamanho do mundo. Única. Ricardo Guilherme Dicke é um escritor que faz o registro de seu tempo perfeitamente antenado com a lição de casa destes tempos modernos: canta a sua aldeia de uma forma universal. Seus conhecimentos de línguas, de mitologia, filosofia e seu domínio absoluto da técnica narrativa, mais o potencial inventivo banhado de verossimilhança redundam numa literatura em que a erudição, apesar de não se mostrar escancarada, parece espantar leitores menos persistentes (MACHADO, MAQUÊA, 2009, p. 14).

Apesar da excelência na produção, Dicke ainda é pouco conhecido e pouco estudado, isso se deve a vários fatores. Leite elucida um deles:

A literatura mato-grossense organiza-se enquanto sistema na primeira metade do século XX (LEITE, 2005). Claro que havia escritores e escritores que produziram até o século XIX, mas ainda não formavam um sistema organizado com objetivos e propostas definidas (temas, formas de tratamento destes temas etc.) (2009, p. 22).

Mario Cezar Leite divide essa organização sistêmica em dois momentos cruciais:

Nos primeiros anos do século XXI, há todo um esforço para a constituição de um sistema literário sólido e expressivo para a literatura brasileira produzida em Mato Grosso, sem descartar ou desprezar a produção anterior. A diferença com os dois sistemas anteriores é que essa tentativa encontra-se frente a uma produção muito mais variada e sem um aparente elo. Se para as gerações anteriores a amálgama, força motriz e centrípeta dos sistemas foi o veio regionalista, para a produção dos anos 90 em diante, esse tom é bem menos expressivo e coeso. Há obra de poetas, contistas e romancistas, nativos ou não, que se debruça sobre os mais variados aspectos da existência humana sem preocupação e, sem a conexão, com uma possível localização geográfica ou mesmo fugindo conscientemente, no mais das vezes, do discurso regionalista, no mais das vezes, redutor. Esse procedimento desloca e ao mesmo tempo problematiza significativamente o eixo central da constituição do sistema literário. Simultaneamente a isso, há o surgimento de uma crítica especializada que tem diretamente a ver com a constituição desse sistema, uma vez que passa a legitimar, canonizar, incluir e excluir autores e obras respaldadas no ‘conhecimento’ e ‘rigor’ especializado (2009, p. 24).

Fruto desse segundo movimento do sistema literário, Dicke revela um amplo diálogo com as tendências contemporâneas da pós-modernidade, somado ao conhecimento erudito e entrelaçado com a cultura popular e de massa vivenciada em sua infância e vida na capital cuiabana, tudo isso faz de Dicke um escritor cujo o papel é o de sujeito transculturador.

Ángel Rama defende o papel de escritores ‘transculturadores’ é decisivo para a reflexão desenvolvida por eles sobre sua própria cultura de origem. Eles teriam em comum a experiência de trânsito entre suas respectivas regiões e um grande centro urbano. Não obstante terem vivido um período decisivo da infância e adolescência nas próprias regiões, mais tarde se mudam para grandes centros urbanos, aos quais passam a integrar-se (SCARPELLI, 2003, p. 53).

O movimento do sujeito transculturador esbarra no aspecto multicultural, onde a questão da diferença, a problemática do lugar e das minorias revelam seus pontos de conflito. Contudo, a poética de Dicke envolve todos esses aspectos, como podemos ver no conto *A proximidade do mar* (2002). Beldroaldo Seminário, protagonista do texto, acorda em sobressalto de um sonho onde se recordava da figura do mar. Sozinho por alguns dias no sítio do sogro, fascinado por conhecer o mar, seus significados, seu

cheiro, suas histórias, Beldroado faz do rádio um companheiro, contudo, a potência de alcance desse instrumento eletrônico é surpreendente. Assim:

Do mesmo modo que a música acompanha as variações do mar, o rádio de pilhas de Beldroaldo navega em diferentes portos pelas ondas sonoras. Primeira parada, “uma longínqua estação no rádio: Alexandria. Cidade marítima, aberta para o Mediterrâneo, como uma mulher para o homem.” (p. 127). Depois, “moveu o dial: a BBC de Londres. O locutor falava de música pop. Depois os Beatles: - *Allyouneedis Love*.” (p. 127). Beldroaldo procurava as estações e sempre conseguia sintonizar outros países, na Rádio LRA, de Buenos Aires, identificou uma música que parecia Schumann e depois a ópera *Le Due Gatti*, de Rossini (...) (PRECIOSO, 2011, p. 54).

O rádio de pilhas de Beldroado, no espaço rural da capital Cuiabá, consegue pegar até a sintonia de uma rádio no Paquistão, “que falava em francês e dava belas músicas paquistanesas, difusamente sonhados e religiosas, da mesma família das indianas, com ragas e tudo o mais.” (DICKE, 2002, p. 133). No conto *O velho moço* (2011), a música também aparece como elemento multicultural. O protagonista “Blanziflor ligou o rádio, no silêncio da grande noite profunda, e tocava ‘*These Sweet Words*’, cantava Norah Jones e se lhe pareceu menos sozinho na grande noite sem fim.” (DICKE, 2011, p. 17). Longe dos clássicos, a cantora citada é uma jovem americana, premiada, pianista e pertencente ao universo do rock alternativo, contemporâneo e melódico. No parágrafo seguinte do conto, há outra citação musical: “George Pludermacher tocava ao piano, lá em Paris, a ‘13ª Sonata’ de Beethoven. Os cães latem, latem, latem. Por quem? Por quê? Para Deus?” (DICKE, 2011, p. 17). Aqui, tem-se a presença de um pianista francês de carreira sólida e marcada pela execução com maestria dos grandes clássicos da música erudita.

Dicke, portanto, mergulha no universo vasto da música e aqui imprime um de seus elementos multiculturais que se estende do pop-rock ao erudito. O uso da linguagem também varia nessa extensão, no mesmo conto, Blanziflor afirma: “Nada feito, negativo, *necas de piribiriba* ser meu fiador.” (DICKE, 2011, p. 20) (grifos nossos). A apropriação de termos oriundos do sul, misturado com o falar do cotidiano cuiabano e os provérbios universais, também evidencia esses elementos: “*Capaz* que posso acabar indo morar debaixo da ponte. Tudo porque não quero trabalhar. Mas não



quero mesmo, não vou trabalhar *nem que a vaca tussa.*” (DICKE, 2011, p. 17). (grifos nossos).

O tom erudito também preenche suas descrições, tal como se pode observar nos pensamentos de Beldroaldo em relação ao mar:

O mar tão longe com suas canções de gesta. O mar imenso com suas ondas. Todo verde, todo azul. Mutável conforme as horas dos dias e das noites. Àquela hora, ele deveria ser verde plúmbeo ou verde glauco, escuro como poços de certos rios, espectral como a alma dos afogados e dos naufragados (DICKE, 2002, p. 135).

A citação de trechos em outra língua é somada tanto à questão do trânsito quanto à do multiculturalismo, como pode ser observado em *A Noite*: “(...) *Und solang du das nicht hast, / Dieses: Stirb und werde! Bist du nureintrüber Gast / Auf der dunklen Erder.*’ Goethe (...)” (DICKE, 2011, p. 75). Outro elemento que promove o entrelaçamento multicultural em Dicke vem das aparições de escritores e poetas, nacionais e internacionais que amarram o discurso literário dickeano. Em *A proximidade do mar* estão presentes: “Foi lá dentro, veio com um livro de *Ítalo Calvino* e se pôs a ler.” (DICKE, 2002, p. 134); “A música me atrai como um mar... já dizia *Baudelaire.*” (DICKE, 2002, p. 133); “... pareciam chamas vivas que se erguiam do inferno. *Dante Alighieri*, te esqueceste de alguma coisa.” (DICKE, 2002, p. 145); “... Rocinante – pensou ele lembrando-se, sem *Don Quijote* e sem Sancho Panza, ou talvez apenas com *Don Quijote.* (...)” (DICKE, 2002, p. 146). (grifos nossos).

Os brasileiros também são contemplados no emaranhado dos pensamentos do personagem do conto *A Noite*:

... as palavras são como águas: murmuram, são como as folhas: sussurram, são como o vento: soam, são como as pedras: mas as palavras fundam a necessidade profunda e sempre nova de todas as coisas serem nomeadas, sendo uma nomenclatura secreta que vem do fundo da alma do homem e do universo infinito: não agora que é hora de tristeza, mas em outros tempo me senti “cheio de alegria e preguiça”, como canta Caetano Veloso, “de sutis seduções a palavra de ouro de cereja”, de Hilda Hilst; “irreconhecível me procuro sedenta nos teus securos. Como te chamas, breu? Tempo”, Hilda Hilst; “um Deus de plástico, talvez de acrílico ou néon”, Caio Fernando Abreu: (...)” (DICKE, 2011, p. 55).

O passeio pela arte musical e literária universal e nacional, não apaga o circundar do espaço do sujeito transculturador que busca, também, valorizar e apresentar seu espaço. “Agora vinha um conglomerado de casas perto de Cuiabá a que dão o nome de Coxipó da Ponte.” (DICKE, 2002, p. 147) – no conto *A proximidade do mar*. “Sol dos trópicos, nasci e espalhai vossas benesses em todas as agriculturas de Mato Grosso!” (DICKE, 2011, p. 22) – em *O velho moço*. O conto *A noite* traz: “(...) Deus campeia estrelas: saudade do meu Jipe, agora não existe mais o rio Aguassu, rio Cururu, rio Babaçu, agora não existem mais minha mãe nem meu pai: (...)” (DICKE, 2011, p. 80); “Às vezes, me dá uma saudade profunda do Rio de Janeiro, que cidade maravilhosa! Morar em Cuiabá é o fim da picada! (DICKE, 2011, p. 143)

A mistura das várias culturas juntas pode ser vista em um trecho do conto *A perseguição*:

(...) Cachorro é bicho de opinião, por algo Hilda Hilst criava 60, aqui em casa temos Mel, Perla foi roubada, mas prefiro os gatos, como Baudelaire. Assisto ao filme ‘Diários de Motocicleta’, de Walter Salles, autor de ‘Central do Brasil’, pela HBO Plus. É a vida de Ernesto Che Guevara, o maior herói da América Latina. Adélia trouxe não sei de onde uma grande braçada de alfazemas, que cheirosas! Ela fez um chá delas, que gostoso e calmante, parece ser bom para a alma. Um escritor brasileiro que eu respeito muito, livro que sempre quis ler, mas não consegui, ‘Deus de Chuva e da Morte’, é Jorge Mautner, e um outro que já morreu, chamado Paulo Leminski, que escreveu o maravilhoso ‘Catatau’, que eu já li emprestado do meu amigo Lorenzo Falcão (...) (DICKE, 2011, p. 142).

A cultura de massa da globalizada na tv, o cinema, os escritores, tudo isso vem mergulhado nesse discurso que se vale do fluxo de consciência como sustentação de misturas e vivências. Os recortes feitos nos diferentes contos de Dicke auxiliam na captura de um dos possíveis métodos que formatam o processo multicultural pelo viés da escritura dickeana. Esse processo acentua a pluralidade do termo cultura tal como foi apresentado anteriormente. As combinações propostas entre elas por meio do entrelaçamento literário as expõem sem conflitos ou disputas, convivendo harmonicamente, entre o popular, a massa e a erudição, em um ritmo frenético do fazer literatura na contemporaneidade.

Sendo assim, pode-se afirmar que Ricardo Guilherme Dicke atua como sujeito transculturador valorizando o chão de sua história cuiabana e dialogando de forma concomitante com o universo artístico da literatura e música contemporâneas e clássicas. A representação do homem e do espaço atual com todos os seus questionamentos, mistérios e força povoam a escritura as imagens do texto de Dicke e fortalecem a poética densa desse escritor mato-grossense.

## Referências

- BOFF, Leonardo. *Nova evangelização: perspectiva dos oprimidos*. Fortaleza: Vozes, 1990.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- DICKE, Ricardo Guilherme. *O velho moço e outros contos*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2011.
- \_\_\_\_\_. *A proximidade do mar e a ilha*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2011.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2006.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- LEITE, Mário Cezar. Dos labirintos e das águas: entre barros e dickes. In: MACHADO, Madalena. MAQUÊA, Vera (Org.). *Dos labirintos e das águas: entre Barros e Dickes*. Cáceres-MT: Editora Unemat, 2009.
- MACHADO, Madalena. MAQUÊA, Vera (Org.). *Dos labirintos e das águas: entre Barros e Dickes*. Cáceres-MT: Editora Unemat, 2009.
- MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. *História da Literatura de Mato Grosso: Século XX*. Cuiabá: Unicen Publicações, 2001.
- MIGUEL, Gilvone Furtado. Mito e ficção: a imagem do Paraíso nos romances de Ricardo Guilherme Dicke. In: MACHADO, Madalena. MAQUÊA, Vera (Org.). *Dos labirintos e das águas: entre Barros e Dickes*. Cáceres-MT: Editora Unemat, 2009.
- PRECIOSO, Adriana Lins. O fascínio das águas em “A proximidade do mar” de Ricardo Guilherme Dicke. In: SANTOS, Luzia Aparecida Oliva. *Tópicos de Leitura: Literatura & Contexto*. Cuiabá-MT: Edição da organizadora, 2011.

SCARPELLI, Marli Fantini. "Heterogeneidade, transculturação, hibridismo: a terceira margem da cultura latino-americana. In: CHAVES, Rita. Macêdo, Tania. (Org.). *Literaturas em movimento: hibridismo cultural e exercício crítico*. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.

SEMPRINI, ANDREA. *Multiculturalismo*. Tradução de Laureano Pelegrin. Bauru-SP: Edusc, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) HALL, Stuart. WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.

## IL PROCESSO MULTICULTURALE NELL'OPERA DI RICARDO GUILHERME DICKE

### RIASSUNTO

Il presente lavoro cerca mettere in evidenza il processo multiculturale nell'opera di Ricardo Guilherme Dicke, scrittore mato-grossense contemporaneo, attraverso la discussione dei termini cultura, culture plurali, multiculturalismo, identità e soggetto transculturador.

**Parole-chiave:** processo multiculturale, soggetto transculturador, ricardo guilherme dicke, racconto.

Recebido em 30/04/2013.

Aprovado em 22/05/2013.